JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE OUTUBRO
Ed. 78. Vol. 3 - Págs. 501-519
DOI: 10.5281/zenodo.24169070



CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

QUALIS A2



MUITO ALÉM DA COR: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS CAMPANHAS DO SETEMBRO AMARELO[1]

FAR BEYOND COLOR: A CRITICAL ANALYSIS OF "YELLOW SEPTEMBER" CAMPAIGNS

Ranna Clara RAMALHO
Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: rannaclararamalho11skart@gmail.com
ORCID: http://orcid.org/0009-0004-7024-477X

João Victor Moura Cavalcante MEDEIROS
Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: joao.medeiros@afya.com.br
ORCID: http://orcid.org/0009-0001-2717-1390

RESUMO

O presente estudo buscou compreender as abordagens e as consequências relacionadas ao Setembro Amarelo, na tentativa de evidenciar a importância de problematizar os determinantes sociais do sofrimento psíquico, considerando que este não se resume a patologias individuais, mas também está relacionado às desigualdades estruturais e às exclusões sociais. Trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada com artigos da área de Psicologia indexados na base SciELO e publicados entre 2019 e 2026. Discute-se, ainda, a necessidade de refletir sobre os discursos de autoajuda e responsabilização, evitando práticas que reforcem a culpabilização do sujeito. Além disso, destaca-se que as campanhas do Setembro Amarelo devem envolver ações contínuas de escuta, acolhimento, conscientização e fortalecimento das redes de apoio e atenção, ressaltando a responsabilidade dos profissionais na construção dos discursos, das palestras e das publicações que abordam a promoção da vida, para que essas ações não se restrinjam ao mês de setembro, mas sejam mantidas como um compromisso permanente.

Palavras-chave: Suicídio. Setembro Amarelo. Valorização da vida. Prevenção do suicídio.

[1] COMO CITAR: (ABNT): RAMALHO, R. C.; MEDEIROS, J. V. M. C. Muito Além da Cor: Uma Análise Crítica sobre as Campanhas do Setembro Amarelo. **JNT Facit Business and Technology Journal.** Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Outubro de 2026 - Ed. 78. VOL. 03. Págs. 501-519. Disponível: http://revistas.faculdadefacit.edu.br. Acesso em: ___/___/___.

ABSTRACT

This study sought to understand the approaches and consequences related to "Yellow September," in an effort to highlight the importance of examining the social determinants of psychological distress, considering that such distress is not limited to individual pathologies but is also related to structural inequalities and social exclusion. This is a qualitative, descriptive literature review of Psychology articles indexed in the SciELO database and published between 2019 and 2026. It also discusses the need to reflect on discourses of self-help and personal responsibility, avoiding practices that reinforce self-blame. Furthermore, it is emphasized that Yellow September campaigns should involve ongoing efforts to listen, provide a welcoming environment, raise awareness, and strengthen support and care networks, highlighting the responsibility of professionals in crafting discourses, lectures, and even publications that address the promotion of life, so that these actions are not limited to the month of September but are maintained as an ongoing commitment.

Keywords: Suicide. Yellow September. Valuing Life. Suicide Prevention.

INTRODUÇÃO

A saúde mental tem ganhado destaque crescente nas últimas décadas, impulsionada pela ampliação de debates públicos e campanhas de conscientização. Entre elas, o Setembro Amarelo se consolidou como o principal movimento de prevenção ao suicídio no Brasil, sendo reconhecido por sua divulgação em diferentes espaços sociais e institucionais. Criada em 2013 pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM), a campanha busca promover o diálogo sobre a prevenção do suicídio e a valorização da vida (ABP, 2025).

Entretanto, a forma como o Setembro Amarelo vem sendo conduzido tem despertado questionamentos sobre sua real efetividade. Pesquisas recentes indicam que, embora a visibilidade da campanha tenha aumentado, as taxas de suicídio não apresentaram redução significativa desde sua implementação (Sartorato; Silva; Quadros Júnior, 2023; Damiano *et al.*, 2024). Esse cenário revela uma possível lacuna entre a mobilização simbólica e o impacto concreto na prevenção, especialmente quando as ações se limitam a eventos pontuais e abordagens superficiais.

A banalização do movimento é um fenômeno que preocupa pesquisadores e profissionais da saúde. Segundo Lôbo *et al*. (2024), o foco excessivo na estética e na divulgação midiática, em detrimento do aprofundamento do tema, acaba por desviar a atenção do objetivo central da campanha. De modo semelhante, Farias *et al*. (2023) destacam que a medicalização das ações, centrada em discursos institucionais, restringe o alcance das mensagens e pode afastar justamente os grupos mais vulneráveis.

Dessa forma, discutir o Setembro Amarelo implica refletir criticamente sobre a relação entre comunicação, responsabilidade social e saúde mental, avaliando se as estratégias atuais têm contribuído de fato para a prevenção do suicídio ou se tornaram práticas meramente simbólicas. Essa análise é essencial, pois, conforme Hein, Pandolfi e González (2020), o suicídio expressa não apenas o sofrimento individual, mas também as disfunções estruturais das sociedades contemporâneas, atravessadas por desigualdades e pela fragilidade dos vínculos sociais.

Diante disso, este artigo contempla, além desta introdução, a justificativa, os objetivos e o referencial teórico, organizado em quatro tópicos: a história do Setembro Amarelo, as abordagens adotadas na campanha, as repercussões dessas abordagens e a atuação da Psicologia na prevenção do suicídio. Em seguida, apresentam-se a metodologia, os resultados e a discussão e, por fim, as considerações finais.

Problema de Pesquisa

O Setembro Amarelo apresenta-se como uma iniciativa voltada à conscientização sobre o suicídio e à sua prevenção, buscando ampliar o diálogo sobre a promoção e a valorização da vida. Diante disso, surge o seguinte questionamento: como as ações relacionadas ao Setembro Amarelo contribuem para a prevenção do suicídio e para a promoção da vida no contexto de suas campanhas?

Hipótese

O suicídio constitui um fenômeno complexo e multifatorial, relacionando-se a diferentes aspectos (individuais, sociais, familiares e culturais), de modo que não pode ser reduzido a uma única causa. O comportamento suicida envolve diferentes manifestações, como a ideação suicida, as tentativas de suicídio e o suicídio propriamente dito, sendo influenciado por fatores de risco e de proteção presentes nos diferentes contextos em que o indivíduo está inserido.

Diante dessas complexidades, a prevenção ao suicídio não deve ser compreendida apenas como a identificação de situações de risco, mas como um conjunto de ações voltadas à promoção e à valorização da vida, ao fortalecimento de vínculos, à ampliação dos espaços de escuta e ao acesso aos serviços de cuidado. Dessa forma, as estratégias de prevenção podem contribuir para que o sofrimento seja reconhecido de forma contínua e para que as pessoas encontrem, para além das campanhas, acolhimento e assistência.

A possibilidade de abordar o suicídio de maneira mais aberta pode favorecer a construção de uma cultura de cuidado, na qual a escuta e o acolhimento sejam compreendidos como elementos importantes para a prevenção. Entretanto, considera-se que a realização de ações concentradas exclusivamente no período de setembro pode apresentar limitações quando não está acompanhada de estratégias permanentes de prevenção e cuidado.

A conscientização promovida pelas campanhas pode constituir um ponto de partida para o enfrentamento do fenômeno, mas não substitui a necessidade de acompanhamento contínuo. Assim, a hipótese que orienta este estudo é a de que as ações do Setembro Amarelo, quando restritas a eventos pontuais, a mensagens simplificadas e a abordagens predominantemente medicalizantes e individualizantes, têm alcance limitado na prevenção do suicídio e podem reforçar a culpabilização do sujeito, o que torna necessárias estratégias contínuas e atentas aos determinantes sociais do sofrimento psíquico.

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deu-se em virtude de a campanha do Setembro Amarelo ter surgido com o objetivo de promover a conscientização sobre a prevenção do suicídio e incentivar o cuidado com a saúde mental. No entanto, ao longo dos anos, essa mobilização tem gerado debates sobre sua real efetividade e profundidade no enfrentamento do tema. Embora a campanha tenha conquistado ampla visibilidade social, estudos apontam que as taxas de suicídio no Brasil continuam a crescer (Damiano *et al.*, 2024), o que suscita questionamentos sobre a forma como o assunto vem sendo abordado nas ações de prevenção.

Apesar de sua relevância simbólica, o Setembro Amarelo, em muitos contextos, tem se restringido a um movimento pontual, concentrado apenas no mês de setembro e frequentemente conduzido de forma superficial, sem alcançar transformações estruturais efetivas. Lôbo *et al*. (2024) destacam que a banalização da campanha pode gerar um distanciamento do seu objetivo principal,

especialmente quando o tema é tratado de forma estetizada ou midiática, sem o devido aprofundamento teórico e social.

Vale ressaltar, desse modo, que o profissional de Psicologia possui papel fundamental no desenvolvimento de ações de prevenção e promoção da saúde mental não apenas durante o mês de setembro, mas também na construção de uma abordagem mais humanizada, ética e contínua sobre o suicídio. Nesse sentido, o psicólogo pode atuar na escuta qualificada, no acolhimento e na identificação de situações de sofrimento psíquico e dos fatores de risco, além de estar presente nas ações educativas e de conscientização que ultrapassem o caráter pontual das campanhas. Sua atuação também pode contribuir para combater estigmas relacionados à saúde mental, estimular a busca por ajuda e fortalecer redes de apoio, considerando os aspectos sociais, culturais e psicológicos envolvidos na temática.

A realização de eventos durante o mês de setembro não garante, por si só, que as informações produzam mudanças significativas no conhecimento e nas percepções dos participantes. Existe, portanto, a necessidade de analisar criticamente as abordagens utilizadas, considerando não apenas a quantidade de ações realizadas, mas também seus conteúdos, metodologias, alcance e possíveis repercussões.

Por esse caminho, é importante considerar o conjunto de necessidades presentes nas comunidades, bem como as possibilidades de promover transformações sociais por meio da atuação do profissional de Psicologia em diferentes contextos, como a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), incluindo os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), o ambiente escolar e os espaços de trabalho, contribuindo para ações de prevenção, acolhimento, conscientização e promoção da saúde mental.

Diante disso, a relevância social desta pesquisa está em analisar criticamente, por meio de uma revisão bibliográfica, as abordagens das campanhas do Setembro Amarelo e suas repercussões na promoção da saúde mental e na prevenção do suicídio, buscando compreender se as estratégias atuais têm alcançado seus objetivos de forma profunda e contínua.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar criticamente as abordagens adotadas nas ações do Setembro Amarelo e suas repercussões, considerando a tentativa de fortalecimento de saúde

mental, prevenção ao suicídio e de promoção da vida aos sujeitos em sofrimento.

Objetivos Específicos

Contextualizar historicamente o surgimento do Setembro Amarelo, bem como a sua influência e consolidação como a principal campanha de prevenção do suicídio no Brasil;

Discutir as estratégias de intervenções e modelos predominantes nas campanhas do Setembro Amarelo e suas repercussões na percepção social do suicídio e no acesso ao cuidado em saúde mental;

Identificar como no Brasil tem-se discutido sobre os modelos de cuidado de saúde mental, considerando o sofrimento psíquico e as estratégias de prevenção do suicídio e de promoção da vida.

REFERENCIAL TEÓRICO

História do Setembro Amarelo

O movimento que inspirou o Setembro Amarelo teve início nos Estados Unidos, em 1994, a partir da história de Mike Emme, um jovem de 17 anos que morreu por suicídio. Mike era habilidoso em mecânica e havia restaurado um automóvel Mustang de 1968, que pintou de amarelo, motivo pelo qual ficou conhecido como Mustang Mike. Seus familiares e amigos, entretanto, não haviam percebido os sinais do sofrimento psíquico que ele vivenciava.

No dia do velório, pessoas próximas organizaram uma cesta com cartões acompanhados de fitas amarelas, que traziam a mensagem: “Se você precisar, peça ajuda”. Esses cartões chegaram a diversas pessoas em situação de vulnerabilidade, funcionando como um incentivo à busca por apoio emocional. A partir desse episódio, consolidou-se a cor amarela como símbolo da luta pela valorização da vida e da prevenção ao suicídio, o que deu origem ao programa Yellow Ribbon e, mais tarde, inspirou no Brasil o Setembro Amarelo, associado ao Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, celebrado em 10 de setembro.

No Brasil, a campanha Setembro Amarelo foi criada em 2013, por iniciativa da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), sob a presidência de Antônio Geraldo da Silva. A partir de 2014, em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM), a ação passou a ser amplamente divulgada em território nacional. Desde então,

consolidou-se como a principal referência quando se trata de prevenção do suicídio no país (ABP, 2025).

Apesar da grande visibilidade, a campanha enfrenta diversas críticas em relação à sua efetividade. Embora seja apresentada como um movimento de conscientização que se estenderia ao longo do ano, na prática, as ações se concentram quase exclusivamente no mês de setembro, o que gera um caráter pontual e limitado frente à complexidade do tema. Tal característica faz com que o Setembro Amarelo seja considerado por muitos pesquisadores e profissionais de saúde como uma campanha de impacto superficial, mais voltada à visibilidade institucional do que à transformação efetiva da realidade social.

A análise dos suicídios ocorridos no Brasil após 2015, realizada por Sartorato, Silva e Quadros Júnior (2023), sugere que, embora a campanha Setembro Amarelo tenha ampliado as discussões sobre o tema, não houve redução significativa nos casos de suicídio. Ainda que o discurso oficial da campanha reforce a importância da prevenção e do acolhimento, os indicadores epidemiológicos evidenciam a persistência desse problema de saúde pública. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou que, entre 2000 e 2019, a Região das Américas foi a única de suas regiões a apresentar aumento na taxa padronizada de mortalidade por suicídio, com elevação de aproximadamente 17% no período (WHO, 2021).

Além disso, a ênfase em mensagens simplificadas como “Se precisar, peça ajuda!” Não alcança a complexidade da questão, desconsiderando fatores estruturais, como desigualdade social, acesso restrito a serviços de saúde mental e ausência de políticas públicas consistentes. Dessa forma, evidencia-se que a campanha, embora simbólica, não tem se mostrado suficiente para enfrentar de maneira efetiva a gravidade do fenômeno do suicídio.

As Abordagens Adotadas no Setembro Amarelo

Embora o Setembro Amarelo seja reconhecido como uma das principais campanhas de prevenção ao suicídio no Brasil, a forma como o tema é abordado nem sempre corresponde à seriedade e à complexidade que exige. Lôbo *et al.* (2024) manifestam preocupação com a trivialização da campanha, ressaltando que, por se tratar de um assunto de extrema gravidade e sensibilidade, é necessário considerar os riscos decorrentes de uma mobilização conduzida de maneira inadequada.

Além disso, estudo realizado por Damiano *et al*. (2024), com base em dados do DataSUS/Ministério da Saúde, identificou um aumento de 57% na taxa de

mortalidade por suicídio no Brasil entre 2000 e 2019. Esse cenário evidencia a persistência do problema de saúde pública e reforça a necessidade de avaliar continuamente as estratégias de prevenção e conscientização, considerando seu alcance, sua adequação e seus possíveis impactos sobre a população.

A divulgação de informações relacionadas ao suicídio na mídia pode produzir tanto riscos quanto benefícios, a depender da maneira como é realizada. Schettino Lucas e Bonomo (2025) destacam, entre os riscos, o efeito Werther, também denominado efeito de contágio, associado ao aumento de comportamentos suicidas após a divulgação inadequada de casos. Em contrapartida, o efeito Papageno está relacionado ao potencial protetivo de uma comunicação responsável, que apresenta alternativas ao comportamento suicida, valoriza a busca por ajuda e favorece a divulgação de estratégias de enfrentamento.

Diante desse contexto, torna-se fundamental promover maior responsabilidade social na abordagem do suicídio, uma vez que comunicações inadequadas podem produzir efeitos prejudiciais sobre indivíduos em situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2020), ao analisarem as notificações de suicídio e tentativas de suicídio no Brasil antes e após a implementação da campanha Setembro Amarelo, identificaram um aumento nos indicadores estudados, levantando questionamentos sobre a efetividade da iniciativa.

Os autores, entretanto, ressaltam a necessidade de investigações realizadas ao longo de um período maior para compreender os impactos da campanha, considerando limitações como a subnotificação e o curto intervalo de tempo analisado. Dessa forma, seus resultados reforçam a importância de avaliar criticamente as estratégias de prevenção, sem estabelecer uma relação causal direta entre a implementação da campanha e a evolução dos indicadores epidemiológicos.

Essa discussão também envolve a maneira como as mensagens preventivas são elaboradas e divulgadas nos meios digitais. Farias *et al*. (2023), ao analisarem a campanha Setembro Amarelo de 2022 no Instagram da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), identificaram características relacionadas à centralização e à medicalização da comunicação, aspectos que podem limitar a abrangência das mensagens preventivas. Uma abordagem excessivamente restrita pode deixar de contemplar a diversidade das experiências de sofrimento psíquico, as diferentes necessidades da população e a variedade de serviços e possibilidades de apoio disponíveis.

Nesse contexto, a elaboração de mensagens pouco inclusivas pode dificultar a identificação de pessoas vulneráveis com as orientações divulgadas e

comprometer o potencial de acolhimento da campanha. Assim, torna-se necessário desenvolver estratégias de comunicação mais abrangentes, acessíveis e responsáveis, que valorizem a diversidade dos sujeitos, incentivem a busca por ajuda e contribuam para uma abordagem socialmente comprometida com a prevenção do suicídio.

METODOLOGIA

Delineamento do Estudo

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, cujo propósito foi identificar e analisar a produção científica brasileira em Psicologia sobre o suicídio, com ênfase nas discussões sobre prevenção e promoção da vida, especialmente entre adolescentes e jovens.

Procedimentos de Busca e Seleção

O levantamento bibliográfico foi realizado na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), considerando a produção científica disponível. Para a busca dos estudos, utilizou-se o descritor “suicídio”, definido de acordo com a temática e os objetivos da pesquisa. Foram aplicados os filtros de Coleção Brasil, idioma português, categoria temática Psicologia, conforme classificação da Web of Science (WoS), e período de publicação de 2019 a 2026.

A busca resultou inicialmente em 26 artigos. Posteriormente, realizou-se uma etapa de triagem dos estudos, considerando a leitura dos títulos e, quando necessário, dos resumos, a fim de verificar sua pertinência em relação ao objetivo da pesquisa. Foram priorizados estudos que abordassem o suicídio, o comportamento suicida, a ideação suicida ou a prevenção do suicídio relacionados a adolescentes e jovens, bem como aqueles que contribuíssem para a compreensão dos fatores associados ao fenômeno e das estratégias de prevenção e promoção da vida.

Critérios de Inclusão e Exclusão

Sem a aplicação do filtro de período, a busca retornou 74 artigos, dos quais 17 abordavam a prevenção do suicídio e a promoção da vida entre adolescentes e jovens, com foco na tentativa de suicídio como patologia social. Com a aplicação do recorte temporal (2019–2026), obtiveram-se 26 artigos, dos quais 8 foram considerados elegíveis para a amostra final da revisão. Os estudos selecionados

foram organizados e analisados considerando informações como autoria, ano de publicação, objetivo, população investigada, principais aspectos abordados e contribuições para a compreensão da prevenção do comportamento suicida na adolescência.

Quadro 1: Artigos na base SciELO (2019–2026).

Nº	AUTORES	TÍTULO	ÁREA	ANO
1	Alexandra Iglesias, Ana Carolina Borges Barbosa, Luziane Zacché Avellar, Maria Inês Badaró-Moreira, Magda Diniz Dimenstein.	VIVÊNCIAS DE PROFISSIONAIS DO CAPS NO CUIDADO A PESSOAS EM COMPORTAMENTO SUICIDA.	PSICOLOGIA	2026
2	Luís Miguel da Silva Ricardo, Georges Daniel Janja Bloc Bori.	A EXPERIÊNCIA DE SER NA PANDEMIA DE COVID-19 SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DE SARTRE.	PSICOLOGIA	2026
3	Adriane Cristine Oss-Emer Soares Alpe, Alberto Manuel Quintana.	TENTATIVAS DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: VIAS DE SIGNIFICAÇÃO DE UMA DOR PSÍQUICA INSUPORTÁVEL.	PSICOLOGIA	2026
4	Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, Dimitri Marques Abramov, Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa.	SUICÍDIO À SOMBRA DA PANDEMIA E À LUZ DA LIBERDADE.	PSICOLOGIA	2026
5	Esther Hwanga, Maria Júlia Kovács.	MEMÓRIA COMO EPÍLOGO E PRÓLOGO: DA INTERRUPÇÃO DO DEVIR AO LUTO POR SUICÍDIO.	PSICOLOGIA	2026
6	Pedro Teixeira Castilho, Maísa Moura.	O SUICÍDIO COMO PATOLOGIA SOCIAL: EFEITOS DO DISCURSO NEOLIBERAL EM ADOLESCENTES NEGROS/AS NA CONTEMPORANEIDADE	PSICOLOGIA	2026
7	Sylvia da Silveira Nunes, Bruno Yan Souza Moraes, Breno Rafael da Costa.	LUTO E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM AMBIENTE ESCOLAR.	PSICOLOGIA	2025
8	Manuella Bila de Melo, Ana Karina Silva Azevedo.	COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE SUICÍDIO NA INFÂNCIA: “E EXISTE?”	PSICOLOGIA	2025

9	Margareth Arilha, Andréia De Conto, Mônica Guarnieri Machado, Ana Iria de Oliveira Negrão, Denise Miyamoto de Oliveira, Nancy Yasuda.	SUICÍDIO E COVID-19: PÓS-VENÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE UMA EXPERIÊNCIA MUNICIPAL.	PSICOLOGIA	2025
10	Isadora Silveira Ligório, Aline Ruoso, Gabriela Fernandes Soares, Luísa Fernanda Habigzang.	MODELOS TEÓRICOS DO SUICÍDIO: UMA REVISÃO NARRATIVA.	PSICOLOGIA	2024
11	Gislene Cordeiro de Oliveira, Suzana Caldeira Couto Reis, Eloisa Borges.	FALANDO SOBRE O SUICÍDIO: PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE VIDA ENTRE ADOLESCENTES.	PSICOLOGIA	2024
12	Geana Baniwa, Marcelo Calegare.	FATORES EXPLICATIVOS DO SUICÍDIO PELA VISÃO INDÍGENA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.	PSICOLOGIA	2024
13	Guilherme W. Tostes, Vera E. Cury, Elizabeth Brisola.	UMA SAGA HERCÚLEA: EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PESSOAS COM TRANSTORNO BIPOLAR.	PSICOLOGIA	2024
14	Victor Portavales Silva, Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	A LIDA CLÍNICA COM O SUICÍDIO: DE BINSWANGER À DASEINSANÁLISE HOJE.	PSICOLOGIA	2023
15	Lucas Luis de Faria, Catia Paranhos Martins.	TERRA É VIDA, DESPEJO É MORTE": SAÚDE E LUTA KAIOWÁ E GUARANI.	PSICOLOGIA	2026
16	Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, Fernando da Rocha Magliano, Myriam Moreira Protasio, Paulo Victor Rodrigues da Costa, Victor Portavales Silva.	PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: ESQUECIMENTO DO SER E ERA DA TÉCNICA.	PSICOLOGIA	2023
17	Emanoela Moreira Maciel, Selena Teixeira.	PROFESSORES DIANTE DO COMPORTAMENTO SUICIDA DE ALUNOS ADOLESCENTES: PERCEPÇÕES E INTERVENÇÕES.	PSICOLOGIA	2023
18	Eliene Rocha Gomes, Teresinha Cid Constantinidis.	SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES DO LUTO DE SOBREVIVENTES AO SUICÍDIO DE JOVENS.	PSICOLOGIA	2023
19	Viviane Alves dos Santos Bezerra, Cleonice Pereira dos Santos Camino, Lilian Kelly de Sousa Galvão, Júlio Rique Neto, Saulo Bagatini Silva.	ESCALA DE APOIO À PESSOA EM RISCO DE SUICÍDIO: ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO.	PSICOLOGIA	2022
20	Luciana Almeida Santos, Luciana Kind.	ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS PERCORRIDOS POR	PSICOLOGIA	2022

		PESSOAS QUE TENTARAM SUICÍDIO.		
21	Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo.	SITUAÇÕES DE SUICÍDIO: ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO A PAIS ENLUTADOS.	PSICOLOGIA	2021
22	Giovana Coghetto Sganzerla.	RISCO DE SUICÍDIO EM ADOLESCENTES: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO PRIMÁRIA NO CONTEXTO ESCOLAR.	PSICOLOGIA	2021
23	Felipe de Baére, Valeska Zanello.	SUICÍDIO E MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE POR MEIO DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES.	PSICOLOGIA	2020
24	Giovana Kreuz, Raquel Pinheiro Niehues Antoniassi.	GRUPO DE APOIO PARA SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO.	PSICOLOGIA	2020
25	Carolina Nassau Ribeiro, Andréa Maris Campos Guerra.	ADOLESCÊNCIA, ATOS E O RISCO DE SUICÍDIO.	PSICOLOGIA	2020
26	Pamela Staliano, Marcos Leandro Mondardo, Roberto Chaparro Lopes.	ONDE E COMO SE SUICIDAM OS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL: CONFINAMENTO, JEJUVY E TEKOHA.	PSICOLOGIA	2019

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, justifica apresentação dos achados nos artigos anteriormente mencionados, considerando as repercussões e atuação da psicologia para subsidiar a pesquisa, buscando compreender as abordagens utilizadas e suas implicações sociais. A discussão busca relacionar os resultados e objetivos propostos, afim de uma compreensão crítica das práticas e dos discursos que permeiam ao Setembro Amarelo.

Repercussões das Abordagens do Setembro Amarelo

A forma como o Setembro Amarelo vem sendo conduzido impacta diretamente a percepção social do suicídio e o modo como o sofrimento psíquico é tratado no cotidiano. Embora, segundo o Portal Setembro Amarelo (ABP, 2025, s.p.), a campanha tenha “surgido com a ideia de quebrar tabus, reduzir estigmas, estimular que as pessoas para que busquem e ofereçam ajuda”, a prevalência de abordagens meramente simbólicas, como a iluminação de prédios e o compartilhamento de frases de efeito, quando desvinculadas de estratégias

contínuas de cuidado e de acesso a serviços, tende a esvaziar o sentido social do movimento e a convertê-lo em formalidade institucional.

Uma das consequências mais preocupantes desse modelo de comunicação é o fortalecimento de discursos que culpabilizam o indivíduo e invisibilizam o sofrimento psíquico. Quando o suicídio é abordado de maneira medicalizante e normativa, sem considerar os determinantes sociais que atravessam a saúde mental, o fenômeno é reduzido a uma escolha individual, como quando o sofrimento é interpretado socialmente como egoísmo ou busca por atenção.

Farias *et al*. (2023) observaram esse movimento na campanha de 2022 da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), em que o discurso centralizado em saberes médicos reforçou a ideia de que a prevenção depende exclusivamente da busca por tratamento especializado, negligenciando as dimensões sociais e coletivas do cuidado. Essa problemática é intensificada pelos próprios lemas adotados em campanhas oficiais, como "É preciso agir!" (ABP, 2020) e "A vida é a melhor escolha" (Simepar, 2022), que, embora bem-intencionados, podem induzir sentimento de culpa e responsabilidade individual, desconsiderando o contexto de sofrimento e vulnerabilidade social das pessoas afetadas.

Garcia (2019) aponta que essa lógica também está presente na cartilha elaborada pela ABP, que coloca fatores como pobreza, exclusão e violência em segundo plano, reforçando uma leitura individualizante e medicalizada do suicídio. Ao ignorar essas dimensões, a campanha corre o risco de perpetuar estigmas, transferir a responsabilidade pela prevenção ao sujeito e afastar grupos socialmente vulneráveis das redes de cuidado e acolhimento.

A abordagem predominantemente medicalizante e individualista adotada nas campanhas do Setembro Amarelo acaba por negligenciar aspectos fundamentais do adoecimento psíquico, como a história de vida, o ambiente em que o sujeito está inserido e, sobretudo, as condições de vulnerabilidade e desigualdade social que marcam a realidade brasileira.

Hein, Pandolfi e González (2020) reforçam que o suicídio expressa as disfunções e assimetrias das sociedades contemporâneas, caracterizadas pela precariedade e pela perda de referências institucionais capazes de sustentar vínculos de pertencimento. Esse distanciamento das dimensões sociais, somado à culpabilização individual reforçada pelos discursos da campanha, pode gerar consequências paradoxais, como sugerem Damiano *et al*. (2024), ao identificarem que, desde a implementação nacional do Setembro Amarelo, em 2015, o crescimento das taxas de suicídio no Brasil se acelerou. Embora, por se tratar de um estudo

ecológico, esse resultado não permita atribuir o aumento à campanha, ele evidencia a fragilidade da abordagem atual.

Setembro Amarelo e a Atuação da Psicologia na Prevenção do Suicídio

A atuação do psicólogo no Setembro Amarelo vai além da realização de campanhas, publicações nas redes sociais ou do acolhimento nos serviços de atenção. Seu papel está relacionado à prevenção e à conscientização realizadas de forma clara e responsável, por meio de um acompanhamento contínuo que não tenha como finalidade a medicalização do sofrimento, mas que possibilite ao indivíduo encontrar um espaço acessível de escuta e acolhimento, considerando-o em sua totalidade. Nesse sentido, o cuidado deve contemplar não apenas a dimensão individual, mas também os aspectos familiares e sociais que atravessam a experiência do sujeito.

O que deve ser tratado, para além da existência da campanha, é a maneira como ela é realizada, o que é falado, mostrado e efetivamente aplicado. Afinal, se falar sobre suicídio ainda envolve tabus e imaginários sociais, torna-se necessário refletir sobre como as informações são transmitidas e quais sentidos são produzidos a partir delas. O que molda uma campanha não é apenas sua proposta, mas também a forma como ela é conduzida, considerando a responsabilidade e a importância que lhe são atribuídas.

Dessa forma, o psicólogo deve estar preparado para ouvir e aprender, não atuando apenas como transmissor de informações, mas como profissional capaz de acolher dores e sofrimentos psíquicos. Sua atuação vai além da apresentação de propostas sobre o que é certo ou errado, sobre o que se pensa ou se faz, pois exige a compreensão da realidade do indivíduo para além de julgamentos e respostas prontas. Trata-se de reconhecer a complexidade do sofrimento humano e de oferecer um cuidado que considere a singularidade de cada sujeito, suas relações e seu contexto social.

Este estudo teve como objetivo compreender como as abordagens e as consequências acerca do Setembro Amarelo ultrapassam os jovens e adolescentes e como a campanha está sendo realizada pelos profissionais, mais especificamente, o que o psicólogo tem feito diante dos discursos de autoajuda, de responsabilização e das implicações que são colocadas nos sujeitos por meio da culpabilização, bem como das medidas de enfrentamento do suicídio realizadas pelas redes de apoio e atenção.

Observa-se um movimento de problematização dos determinantes sociais

dos sofrimentos vivenciados pelos usuários, reconhecendo que tais experiências não se reduzem a patologias individuais, mas são atravessadas por desigualdades estruturais e exclusões sociais. Os artigos revisados trazem perspectivas sobre o suicídio, sobre o modo como ele é falado e percebido, sobre as tentativas e sobre os discursos dirigidos às pessoas em sofrimento.

A intenção desta revisão é ampliar a reflexão sobre o suicídio para além das campanhas do Setembro Amarelo, das frases, dos posts e das palestras, promovendo a responsabilização sobre o que se fala, como se fala e, o mais importante, para quem se fala. O que é discutido nesse discurso de promoção e valorização da vida deve ir além de "peça ajuda", pois não é pelo viés da culpabilização que a atuação deve ser feita.

Avançar na compreensão dos transtornos mentais como fenômenos profundamente relacionados às condições concretas de existência dos sujeitos torna-se ainda mais urgente diante da desproporcional elevação das taxas de suicídio e de sofrimento psíquico entre grupos historicamente vulnerabilizados.

Por fim, não se trata de colocar a campanha Setembro Amarelo em uma caixa isolada de suas ramificações ou do que acontece apenas em setembro, mas de pensá-la na continuidade dos serviços, da escuta, do acolhimento e da prevenção pela promoção da vida. Portanto, fazê-lo sem a responsabilização dos profissionais e das instituições envolvidas nos modelos de cuidados oferecidos aos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. N. et al. O suicídio no Brasil: um desafio às Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos (REBELA)**, v. 5, n. 3, p. 510–590, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/rebela. Acesso em: 26 set. 2026.

ALPE, A. C. O.-E. S.; QUINTANA, A. M. Tentativas de suicídio na adolescência: vias de significação de uma dor psíquica insuportável. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/Xq37btWLNmLL89QSjBh7c3R/?lang=pt. Acesso em: 26 set. 2026.

ARILHA, M. et al. Suicídio e covid-19: pós-venção em políticas públicas de saúde uma experiência municipal. **Psicologia em Estudo**, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/F4NPCfkR96q3ZvYHjc8hqFB/?lang=pt. Acesso em: 26 set. 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Campanha Setembro Amarelo**. [S. l.]: ABP, 2025. Disponível em: https://www.abp.org.br/setembro-amarelo. Acesso em: 29 out. 2025.

BAÉRE, F. de; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em Estudo**, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXCkJkpKnWkn/?lang=pt. Acesso em: 26 set. 2026.

BANIWA, G.; CALEGARE, M. Fatores explicativos do suicídio pela visão indígena: uma revisão de literatura. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/5zSLdx3RVDXRNsz8YfX8bPM/?lang=pt. Acesso em: 27 set. 2026.

BEZERRA, V. A. dos S. et al. Escala de apoio à pessoa em risco de suicídio: adaptação e validação. **Psico-USF**, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusf/a/gmgVW4Kd6ChGCshVpsrtzhy/?lang=pt. Acesso em: 27 set. 2026.

CASTILHO, P. T.; MOURA, M. O suicídio como patologia social: efeitos do discurso neoliberal em adolescentes negros/as na contemporaneidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/fractal/a/yNSfpbZCyFWwwKvGtczJFSG/?lang=pt. Acesso em: 26 set. 2026.

DAMIANO, R. et al. Associations between a Brazilian suicide awareness campaign and suicide trends from 2000 to 2019: Joinpoint and regression discontinuity analysis. **Journal of Affective Disorders**, v. 365, p. 459-465, 2024. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-affective-disorders. Acesso em: 27 set. 2026.

FARIA, L. L. de; MARTINS, C. P. "Terra é vida, despejo é morte": saúde e luta Kaiowá e Guarani. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/Q6SNtKGVK9ZYFqc36b5NGbP/?lang=pt. Acesso em: 27 set. 2026.

FARIAS, M. et al. Comunicação e Saúde na campanha Setembro Amarelo de 2022 no Instagram. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/08162023233904 64dd88482bc20.pdf. Acesso em: 25 out. 2025.

FEIJOO, A. M. L. C. de. Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. **Psicologia em Estudo**, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/qxhP9NhBk9wQcJPnjkgCZJq/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

FEIJOO, A. M. L. C. de; ABRAMOV, D. M.; LESSA, M. B. M. F. Suicídio à sombra da pandemia e à luz da liberdade. **Psicologia em Estudo**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/m7G7m7cLCcJB8xmnBxhSCxz/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

FEIJOO, A. M. L. C. de et al. Prevenção do suicídio: esquecimento do ser e era da técnica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/b38rswZL8Ym8dzYggv7RNht/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

GARCIA, M. R. V. Políticas de prevenção ao suicídio no Brasil e seu impacto sobre as escolas. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 36, p. 43–60, 2019. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/5859. Acesso em: 13 nov. 2026

GOMES, E. R.; CONSTANTINIDIS, T. C. Sentimentos e percepções do luto de sobreviventes ao suicídio de jovens. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/zYz8YsQcDssDtq9Sj6XYxzN/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

HEIN, P.; PANDOLFI, J.; GONZÁLEZ, V. H. Suicidio y sociedad. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 33, n. 46, p. 7–10, 2020. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/4536/453676258001/453676258001.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

HWANGA, E.; KOVÁCS, M. J. Memória como epílogo e prólogo: da interrupção do devir ao luto por suicídio. **Psicologia USP**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/r3m4pvg8Mg3Ydsn9wMvvyrq/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

IGLESIAS, A. et al. Vivências de profissionais do CAPS no cuidado a pessoas em comportamento suicida. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlpf/a/JzSd7r3Nj6xn9DqyBYW988C/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

KREUZ, G.; ANTONIASSI, R. P. N. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. **Psicologia em Estudo**, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/NxmPb6PdVV8svwSFNP8ryqB/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

LIGÓRIO, I. S. et al. Modelos teóricos do suicídio: uma revisão narrativa. **Psicologia em Estudo**, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/mWTmc4MtHyV4QKtMqq8s8ZD/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

LÔBO, Í. et al. Setembro amarelo: banalização, impactos e desafios. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 10, p. e9498–e9498, 2024. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped. Acesso em: 29 set. 2026.

MACIEL, E. M.; TEIXEIRA, S. Professores diante do comportamento suicida de alunos adolescentes: percepções e intervenções. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/jGCk89KYH4QsFr9BdDvLNjC/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

MELO, M. B. de; AZEVEDO, A. K. S. Compreensões fenomenológico-existenciais acerca da experiência de suicídio na infância: “E existe?”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2025. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/pcp/a/JcvzVTtRK8GCzGkFnJN7FYH/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026..

NUNES, S. da S.; MORAES, B. Y. S.; COSTA, B. R. da. Luto e tentativa de suicídio em ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/w9NVvNHSmhF6Vf3TrrntQDv/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

OLIVEIRA, G. C. de; REIS, S. C. C.; BORGES, E. Falando sobre o suicídio: prevenção e promoção de vida entre adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/fractal/a/kVFRRSFWPFxzm5DYqXrcsRf/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

OLIVEIRA, M. E. C. de et al. Série temporal do suicídio no Brasil: o que mudou após o setembro Amarelo? **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 48, p. e3191, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341391636_Serie_temporal_do_suicidio_no_Brasil_o_que_mudou_apos_o_Setembro_Amarelo. Acesso em: 28 set. 2026.

RIBEIRO, C. N.; GUERRA, A. M. C. Adolescência, atos e o risco de suicídio. **Psicologia USP**, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/RQ4Qhh4HFznJRYpGZC7VZ9q/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

RICARDO, L. M. da S.; BORI, G. D. J. B. A experiência de ser adolescente na pandemia de covid-19 sob a perspectiva fenomenológica de Sartre. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/zhcJQYwyKzGkXLLdx6qZ4Ch/?lang=pt. Acesso em: 27 set. 2026.

SANTOS, L. A.; KIND, L. Itinerários terapêuticos percorridos por pessoas que tentaram suicídio. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/S7Wx3qfkds9nvGBjcKYtWGp/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

SARTORATO, R.; SILVA, J. B. da; QUADROS JUNIOR, A. R. de A. Análise da campanha de prevenção Setembro Amarelo nos suicídios ocorridos no Brasil após 2015. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 4, n. 2, 2023. Disponível em: https://editoraime.com.br/revistas/rems. Acesso em: 29 out. 2026.

SCHETTINO LUCAS, L.; BONOMO, M. Efeito Werther versus Efeito Papageno. **Revista FAMECOS**, v. 32, n. 1, p. e47438, 2025. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos. Acesso em: 29 out. 2026.

SETEMBRO AMARELO. **Prevenção ao Suicídio - Brasil**. [S. l.], 2025. Disponível em: https://www.setembroamarelo.com/. Acesso em: 29 out. 2025.

SGANZERLA, G. C. Risco de suicídio em adolescentes: estratégias de prevenção primária no contexto escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/cSRRLBHpxrsKghmcNWMWctJ/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

SILVA, V. P.; FEIJOO, A. M. L. C. de. A lida clínica com o suicídio: de Binswanger à Daseinsanálise hoje. **Psicologia em Estudo**, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/QhJsSnj87gDXQD6GSjtCxJJ/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2026.

STALIANO, P.; MONDARDO, M. L.; LOPES, R. C. Onde e como se suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: confinamento, Jejuvy e Tekoha. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/VSG67J3J3rRrX87H5bS3hQJ/?lang=pt. Acesso em: 27 set. 2026.

TOSTES, G. W.; CURY, V. E.; BRISOLA, E. Uma saga hercúlea: experiência vivida por pessoas com transtorno bipolar. **Psicologia em Estudo**, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/yxNwcWX9fd6Ydd57mNYqJSw/?lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Suicide worldwide in 2019: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2021. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643. Acesso em: 21 out. 2026.